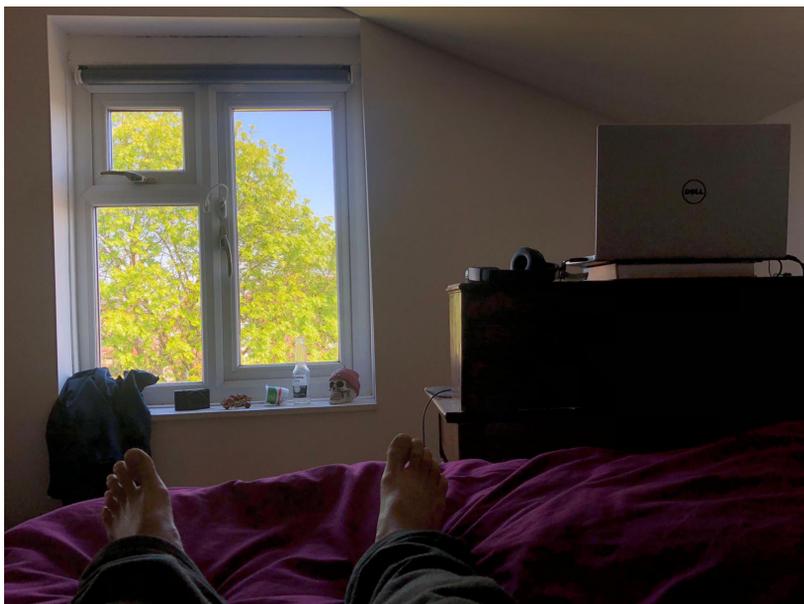


ENSAIO

ENSAIO SOBRE A PANDEMIA

(ou Pela janela deste quarto que não é meu)

Marcelo Ikeda



O ISOLAMENTO FORÇADO em consequência da pandemia do Coronavírus transformou os hábitos de grande parte da população em todo o mundo. As pessoas precisaram ficar em suas casas, com mobilidade restrita. Precisaram, então, remodelar seu cotidiano, adaptando-se às circunstâncias. Muitas pessoas tiveram que compartilhar a casa com os outros membros da família, ou com seus filhos. Outras passaram a permanecer sozinhas, sem companhia.

No meu caso, a pandemia me atinge num momento muito particular, em que estou desenvolvendo a pesquisa do meu doutorado em Londres. É minha primeira oportunidade de morar na Europa, vivenciando outras culturas, outros modos de ser. Mas, agora, me vejo nessa situação inusitada: trancado em um quarto pago em libras, numa cidade em que não tenho nenhum familiar e quase nenhum amigo. Como o aluguel aqui em Londres é caríssimo, não há a menor condição de morar num apartamento apenas para mim. Ocupo, portanto, um dos quartos de uma casa em que vive uma família, um casal com dois filhos pequenos, num pacato bairro não tão badalado do Sul de Londres.

Me vejo, portanto, numa situação em que passo cerca de 20 horas por dia num quarto que mede por volta de 4 m². Sei que sou um privilegiado. Nesse quarto, me sinto seguro e confortável. A cidade é fria, mas tenho um enorme edredom para me aquecer. Uma vez por semana saio para comprar comida. Há dois supermercados na rua principal do bairro, a três quarteirões de onde moro. Há filas na porta dos supermercados, pois há restrições no número de pessoas que podem entrar a cada vez. As pessoas mantêm uma distância respeitável da próxima na fila. Uma idosa, ao sair do supermercado, acabou deixando cair alguns produtos de sua sacola no chão. Ninguém pôde se mover para ajudá-la. No supermercado, faltam alguns produtos, como papel higiênico, macarrão e ovo. Alguns dias falta carne. Brinco que, desse jeito, a pandemia vai me transformar em um vegano. Às

vezes, chego a torcer para que a fila ande mais devagar. Pois assim posso sentir o vento, mesmo que muito frio, que toca o meu rosto – a parte dele sem máscara.

Alguns amigos compararam minha situação a de uma ilha ou a de uma prisão. Brincam comigo que estou em uma prisão domiciliar. Como é inevitável, meus pensamentos acabam me projetando para o campo do cinema. Lembro que o editor geralmente se confina num espaço pequeno e escuro para montar os filmes, que habitualmente se chama uma “ilha de edição”. Os filmes, mesmo aqueles filmados em externas com uma equipe numerosa, muitas vezes são montados nessa forma de isolamento voluntário. Para que fique pronto, o filme passa por esse retiro, nesse processo, que, mesmo com todas as mudanças da tecnologia digital, permanece sendo muito artesanal e solitário.

Me vejo então no meu quarto, ou ainda, em minha ilha de edição. Me lembro então do conjunto de filmes que realizei no início dos anos 2000, quando comecei a nutrir o sonho de me tornar um cineasta. Consegui entrar na faculdade de cinema, mas, como eu precisava trabalhar para pagar minhas contas, eu não conseguia ter horários disponíveis para participar das equipes dos filmes que eram feitos na universidade. Resolvi, então, fazer eu mesmo os meus próprios filmes. Comprei uma pequena câmera (uma miniDV de 1 CCD) e um computador e comecei a filmar na minha própria casa. Eu, sozinho, me revezava em todas as funções de produção, sendo inclusive o ator desse meu próprio filme. Eu

posicionava a câmera, olhava no visor qual era o espaço da cena, e sabia, portanto, quais eram os meus limites de movimentação no interior do quadro. Depois, via o material e ia refazendo, até que ficasse minimamente satisfeito com o resultado.

Não sei se o que eu fazia era propriamente cinema, se eram de fato filmes. Na verdade, eram alguns exercícios em que eu experimentava algumas questões da linguagem cinematográfica que me interessavam. No entanto, com o tempo, fui entendendo que esses filmes não eram apenas exercícios de linguagem, mas eram um modo de refletir para mim mesmo sobre a minha condição – uma forma de fazer alguma coisa mesmo diante de toda a precariedade do meu entorno, ou ainda, era uma forma desesperada de me colocar em movimento diante de toda a solidão. Nesses filmes, fui encontrando aos poucos uma forma de encenar minha própria solidão, uma linguagem particular para expressar o meu desejo em criar algo, em me mover, mesmo diante das impossibilidades que me afligiam. Eram uma forma que eu inventei para conversar comigo mesmo, para poder me entender melhor, ou ainda, para saber lidar melhor com o fato de que eu não tinha como escapar de ser alguém diferente de mim mesmo.

Comecei a rever esses filmes agora. Em um deles, *Auto-retrato do artista durante a gestação* (2005), eu começo a arrumar a casa, totalmente bagunçada, e, no final, eu tomo um banho, como um certo ritual de purificação. Em outro deles, *Abismo* (2006),

eu olho para um espelho no banheiro e começam a me despertar sensações entre o riso, o vômito e o choro.

Olho para essas imagens e penso em fazer alguma coisa com meu celular. Mas, nesse momento, não consigo filmar. Não encontro imagens que consigam exprimir o que sinto. Prefiro vir aos textos. Abro o computador e encontro na palavra a forma para expressar essas imagens que me faltam. O cinema permanece me rondando, mas, dessa vez, não com imagens, mas com palavras. Mergulho então no processo de escrita da minha tese, já que é o que vim fazer aqui em Londres, desenvolver a pesquisa de meu doutorado. As palavras me salvam: são uma forma de lidar com a passagem do tempo.

De repente, percebo que não estou totalmente sozinho. Ouço um grito. As crianças não estão mais na escola ou na creche. Otto tem sete anos, e Nina, tem três. Elas brincam, correm e gritam pela casa. As vozes me tiram do meu estado de imersão nas minhas próprias questões, na minha bolha. Percebo que algo pulsa do lado de fora da porta do meu quarto. As crianças continuam a brincar mesmo assim. Elas não sabem muito bem o que está acontecendo. Talvez assim como nós. Às vezes me irrita com o barulho, que perturba minha concentração. Às vezes sinto que são chamados para me mostrar que a vida continua em movimento ainda assim.

As crianças pequenas nunca existem a sós: elas também me lembram de que são parte de uma família e — por mais que eu

seja muito bem acolhido por todos eles – eu não faço parte dela. Eu não sou um deles. Sou um estrangeiro, que estou aqui apenas de passagem, nessa casa e nesse quarto alugado que não são meus. Faço parte temporariamente de uma família que não é a minha. Escrevo num lugar improvisado: as costas me doem, estou ficando velho. A cada grito, o ponteiro do relógio se locomove para mais longe. Fico pensando se haverá de chegar o tempo em que serei parte de uma.

Ouçõ o presidente dizer que nada deveria mudar com o vírus, já que todos vamos morrer um dia, mais cedo ou mais tarde. Estamos na vida de passagem. Estou aqui de passagem, em Londres, no meio da pandemia. Estou no meu quarto, na minha prisão domiciliar, na minha ilha. Nesse quarto-ilha que não é meu, nesse país que não é o meu, nessa língua que não é a minha. Estou em casa, como eu estava há vinte anos atrás quando fazia os meus filmes, mas agora tudo está diferente. Penso no que meus amigos me disseram, e no que diferenciaria meu quarto de uma prisão. Penso em porquê essa experiência do isolamento me parece suportável, e quanto tempo eu conseguiria viver nessas condições. Penso que poderia viver assim por mais tempo porque tenho o luxo de ter essas condições básicas de subsistência e de privacidade. Tenho dinheiro para pagar minha comida e meu aluguel. Tenho um quarto confortável, com uma boa cama e um edredom, onde posso me proteger do frio. Sou um privilegiado – repito para mim mesmo. Ao longe, vejo pessoas no Brasil furando o isolamento, e

saindo às ruas pedindo a volta da ditadura. Algumas, entre as que discordam, reagem jogando cocô e mijão do alto de suas janelas. Sou um privilegiado.

Vejo tudo isso pela internet. Posso escrever em meu computador; posso viajar em torno do mundo usando meu celular conectado à rede. Posso ver filmes, ouvir músicas, assistir a palestras e fazer cursos. Posso falar diariamente com meus amigos e com meus pais. Estou muito preocupado com meus pais, que vivem em Campo Grande, subúrbio do Rio de Janeiro. Fico pensando até que ponto a narrativa que eles me contam de si mesmos corresponde aos fatos. De qualquer forma, a tecnologia se tornou uma forma de criarmos a sensação de que estamos menos distantes.

Mas cheguei à conclusão de que o que torna minha vida suportável neste quarto é algo bem além da internet: ele tem uma janela. É o que faz com que meu quarto não seja totalmente fechado. Não posso abrir as janelas, por causa do frio. No entanto, vejo que, mesmo diante de tudo, o mundo permanece girando. A vista me permite ver uma grande árvore. Percebo que a árvore continua lá e suas folhas continuam mexendo com o vento. Quando estou cansado de escrever, me volto para essa janela.

O que me faz não enlouquecer é essa minha vontade de escrever a minha tese, e a imagem da janela do quarto, por onde vejo as folhas daquela árvore ao longe se moverem com o vento.

Vou avançando no meu texto. Talvez até o início do verão ele já esteja concluído. Quando percebo que estou chegando ao final, confesso que diminuo o passo, quase torcendo para que ele não acabe. As crianças pararam de gritar. Estou só. Agora, o vento parou e a árvore não se mexe mais. O que farei depois de terminar o texto de minha tese?

Terei de inventar outro. E, depois, mais outro. Fecho os olhos. Tenho o sonho de que tudo isso possa acabar. E que minha tese, uma vez pronta, vire um livro e que possa voar. Romper o casulo, sair do quarto-ilha e virar uma borboleta. Que ela possa sair por essa janela e ir para bem longe de mim. Tenho a esperança de que isso possa transformar alguma coisa. Mas o que um texto pode conseguir transformar? Pouco, esse algo intangível entre o nada e o tudo. É melhor não pensar muito nisso e permanecer escrevendo.

Ontem recebi um pedido pela internet para que eu postasse uma foto do meu lugar de trabalho. O cinema está sendo ameaçado por um governo que não reconhece o trabalho dos artistas. Que trata os artistas como criminosos. A arte não produz capital. Ela não produz nada, apenas amplia nossa experiência sensível, nossa capacidade de poder nos sentir humanos. Ou seja, para alguns, não serve para nada. Deve ser derrubada, como as árvores, para dar espaço a essa coisa chamada progresso. Para mais prédios. E ruas e carros.

Nos discursos de defesa que se espalham pela internet, vejo números que falam que o cinema gera milhões de empregos e estatísticas que mostram os bilhões de renda e receita gerados pelos produtos transmidiáticos que percorrem os diversos canais de distribuição por todo o mundo. Uma amiga me marcou numa publicação e me pediu para eu enviar uma foto que me mostre em atividade no meu posto de trabalho. Vários dos meus amigos postaram lindas mensagens, em sets de filmagem, rodeados de dezenas de pessoas, em torno de máquinas, cenários e aquela parafernália típica de uma produção de cinema. São cineastas; vivem de cinema.

Como eu, daqui da minha ilha, posso contribuir para me sentir parte desse sentimento de coletividade? Enviei a ela uma foto do meu lugar de trabalho – o mesmo em que escrevo este texto. Onde trabalho e onde vivo: não importa, dá na mesma. O quarto, a cama, o edredom, o computador e a janela. As crianças, que me lembram do que não mais sou, voltaram a berrar no extracampo, mas não aparecem na imagem. Nem a árvore lá de fora da janela, que me faz companhia. As imagens não mostram tudo. Ao mesmo tempo, isso é tudo o que tenho. Estou vivo. Se sinto uma dor dentro do peito, é porque ainda sinto algo, é porque consegui não me tornar indiferente. Sinto que preciso escrever este texto para ti, mesmo que ele nunca consiga sair deste lugar estrangeiro onde estou. Esse lugar passageiro que vai se tornando perene, à medida que os dias passam e não sucumbo ao meu destino inevitável.

Alguns dizem que o vírus irá tomar conta de tudo; outros dizem que ele até já tomou, sem que nos tenhamos dado conta. Alguns outros dizem que logo logo tudo isso vai acabar e estaremos livres outra vez. Logo. Livres. Enquanto isso, permaneço aqui neste quarto que não é meu, olhando as folhas das árvores que se agitam pela janela.

Enviei a foto para ela mas nunca obtive nenhuma resposta.

Londres, 22 de abril de 2020.

MARCELO IKEDA é professor de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com bolsa-sanduíche na Universidade de Reading (Inglaterra). Mais detalhes em www.marceloikeda.com e www.cinecasulofilia.com.
Email: marcelogilikeda@gmail.com